

## O estudo teórico na formação do psicanalista – Uma lógica que não é a da identificação<sup>1</sup>

Arlete Mourão<sup>2</sup>

Na formação do analista, o lugar e a função do estudo da psicanálise são conseqüências lógicas da experiência com o inconsciente, ou seja, não se trata simplesmente de estudar conceitos teóricos. O que está em jogo nesse estudo é a elaboração subjetiva de um saber inconsciente, apreendido na experiência da análise de cada um. Daí a asserção: a psicanálise não se ensina, a psicanálise se transmite.

No cerne dessa questão está a natureza do *saber* contido na teoria psicanalítica. Não é uma teoria que parte de um saber formalizado. O empenho freudiano foi justamente o de nos permitir enveredar pela subversão do saber formalizado, convocando-nos ao saber do inconsciente – um saber que não se sabe. Sempre que se tenta colocar tal saber como verdade, sai-se do campo da psicanálise e do discurso psicanalítico.

Trata-se de um saber que não se aprende em livros, em textos de ninguém, nem mesmo nos de Freud. O texto do saber contido na teoria psicanalítica está no inconsciente de cada um. As *teorias freudianas* nada mais são do que as teorias subjetivas que cada um vai construindo ao longo da vida, com seus traumas, seu sofrimento, sua angústia... Qualquer um que lê Freud rapidamente percebe isso: vemos refletidos nesses textos. Daí ser preciso cada um refazer, de forma própria, o percurso teórico freudiano.

Assim, *estudar* psicanálise significa elaborar a apreensão do saber – esse saber da ordem do não-saber –, que surge da experiência com o inconsciente. Essa elaboração é uma conseqüência lógica requerida por essa experiência, dando-se em dois níveis: o da experiência da análise em intensão e o da experiência da análise em extensão, quer dizer, o da experiência de analisando e o da experiência de analista. Ambos fazem parte do percurso de formação do psicanalista, que é interminável.

### 1 – A EXPERIÊNCIA DO ANALISANDO

---

<sup>1</sup> Apresentado pela leitura de Sandra Walter, no Simpósio de Brasília, em outubro de 2006.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil.

Nesse primeiro nível, o que está em jogo é elaboração do saber que vai surgindo no trabalho com as cadeias significantes do analisando, durante sua análise, saber esse que escapa da fala e delata as teorias subjetivas a partir das quais o sujeito se estruturou – estruturou seu desejo, sua fantasia e seus sintomas. Trata-se aí da transmissão de um saber entre os significantes inconscientes do sujeito, realizado na transferência com um analista. É, portanto, uma transmissão num âmbito de apreensão subjetiva e não de aprendizagem egóica. Ao contrário, elaborar esse saber é exatamente equivocar, desconstruir o saber egóico composto pelos significados do sujeito, que são seus *conceitos teóricos* sobre si.

Dentro dessa perspectiva de apreensão subjetiva, procurar um grupo de estudos, por exemplo, significa buscar condições para aprender a transpor, a relacionar esse saber apreendido na análise, a partir dos próprios significantes, com os significantes da doutrina analítica. Não é possível *entender* significantes como *inconsciente, falta, pulsão, narcisismo, castração*, etc. sem se ter experimentado cada um deles na própria pele, isto é, na própria análise, com as próprias teorias subjetivas e suas elaborações. É somente pela via dessas teorias que os conceitos da teoria psicanalítica podem ser, de fato, assimilados.

Por isso, fazer essa transposição, essa relação, não é sinônimo de fazer um exercício intelectual ou teórico, mas de fazer um exercício de elaboração subjetiva. É essa perspectiva que torna o estudo teórico dentro das instituições psicanalíticas algo que requer um cuidado específico: há transferências em jogo, há resistências em ação – resistências às próprias análises –, elementos que podem fazer das atividades de estudos lugares de *acting-out* e/ou tapa-buraco da angústia suscitada na experiência com inconsciente<sup>3</sup>.

## 2 – A EXPERIÊNCIA DO ANALISTA

Nesse segundo nível – nível da extensão, quer dizer, no depois da análise e do ponto de vista do analista – o que está em jogo é um duplo trabalho de elaboração: uma elaboração no campo do significante, vertente interminável de uma análise<sup>4</sup>, vertente de

---

<sup>3</sup> Por isso, é imprescindível que aquele que coordena uma dessas atividades saiba pontuar e remeter pontos de conflitos discursivos à análise de cada um. O que não quer dizer que um coordenador tenha a função de analista, mas que precisa estar em um outro momento em relação aos demais participantes do grupo.

<sup>4</sup> Sobre esse assunto, ver meu texto “O interminável daquilo que termina”, disponível no site de IPB.

elaboração permanente da castração; e uma elaboração no campo do objeto, vertente de sustentação, por parte do analista, do lugar de semblante do “objeto a”, junto ao seu analisando, e que promove os atos analíticos. Tal como para o analisando, suportar esses atos também traz para o analista um saber do real a ser elaborado.

Uma elaboração no campo do significante significa o analista colocar em questão sua experiência de ocupar o lugar de Sujeito suposto Saber para seu analisando. Ora, o analista sabe que não é sujeito (sua posição, aí, é de destituição subjetiva); sabe que não sabe sobre seu analisando (posição de *douta-ignorância*); sabe que esse Sujeito suposto Saber, transferido para ele, refere-se ao próprio inconsciente do analisando. Essa experiência de *não-ser* e de *não-saber* o convoca, para além da análise, a uma elaboração, pois, enquanto *parlêtre*, fora da análise, o sujeito do analista está estruturalmente submetido à dimensão do significante e, portanto, inevitavelmente submetido à subversão de sua subjetividade em prol do desejo do Outro – subversão da Castração, em prol da busca de sentidos.

Uma elaboração no campo do objeto significa o analista colocar em questão sua experiência enquanto ocupando o lugar de semblante de objeto para seu analisando. Ora, aí, o analista sabe que não é esse objeto, sabe que o mesmo não existe – é da ordem da falta –, sabe que o gozo absoluto é impossível. Mais do que em qualquer outra dimensão, a elaboração desse lugar, um lugar de real, é imprescindível em termos de troca e testemunho da experiência, inclusive, para o psicanalista continuar suportando esse lugar de não-sentido absoluto, de queda, nas análises que conduz.

Nos dois casos – elaboração de um saber inconsciente e elaboração de um não-saber [real] – trata-se de um trabalho de elaboração, de articulação dos significantes próprios com os significantes da psicanálise. Tal articulação não só produz a transmissão de um saber subjetivo, da ordem da *criação* de sentido, mas também a transmissão de um não-saber da ordem da *invenção*, garantindo o avanço da própria psicanálise e sua natureza. Ambos se dão fora do contexto da análise: se dão no contexto da extensão, das atividades de estudos e interlocução das instituições e movimentos psicanalíticos.

Dizer *fora do contexto da análise* significa fazer referência a um *outro lugar* que não o lugar do Outro; significa fazer referência à lógica do entre-pares, que, paradoxalmente, é uma lógica de *disparidade subjetiva*<sup>5</sup>, diferente daquela das

---

<sup>5</sup> Sobre esse assunto, ver meu texto “A lógica da disparidade subjetiva”, disponível no site de IPB.

identificações, pelo menos das identificações no campo dos significantes, onde está em ação a lógica fálica. Na extensão, trata-se de uma lógica apoiada na dimensão do “não-toda”<sup>6</sup>, na qual a alteridade simbólica não se encarna mais: transformou-se em uma função – função requerida pela fala. Enquanto tal, pode ser pontualmente sustentada de outras formas e não, necessariamente, por uma pessoa. Pode, por exemplo, ser sustentada por Congressos, Jornadas, Simpósios, etc, enfim, todas as atividades que convocam à produção. Particularmente, é o dispositivo de cartel que garante uma elaboração dentro dessa lógica “não-toda”. Aí, a função de alteridade pode ser exercida por qualquer um, bastando que seja um *mais um*, quer dizer, aquele que tira o sujeito e sua produção da especularidade, da narcisização, ou, ainda, da imaginarização do *um sozinho* ou do um e seu duplo, o outro especular.

### 3 – CONSIDERAÇÕES

Portanto, pela via dessas elaborações, é possível sustentar que o estudo teórico na psicanálise, na formação do psicanalista, não significa um exercício intelectual ou teórico. Significa, sim, a articulação dos efeitos da análise, como uma exigência dessa experiência. Insere-se em um contexto de se poder falar dessa experiência, dos elementos em questão nessa experiência<sup>7</sup>, fora da análise, mas dentro da psicanálise, quer dizer, tomando como referências os significantes da doutrina analítica, do discurso psicanalítico. Tal contexto delimita-se nos grupos de estudos, supervisões, cartéis: nenhum deles é a análise, mas todos são conseqüências impostas pela análise, e não pela instituição psicanalítica, por exemplo. Todos são realizados dentro da lógica do tomar pra si, em nome próprio, a responsabilidade pela própria formação – pela formação permanente.

Dentro dessa lógica, o estudo da psicanálise significa uma forma de interlocução, de *inter-relação*, na qual o que conta é a relatividade daquilo que se sabe; é a constatação de que nosso saber consciente é subvertido pelas leis do nosso inconsciente; é a certeza de que há um outro saber que é da ordem do *não-saber* e do *poder não saber*. Isso nos impõe a ruptura de nossas identificações fálicas, de nossas onipotências, de nossos narcisismos, de nossas mestrias, convocando-nos a um

---

<sup>6</sup> Que, em termos das identificações, refere-se muito mais ao que Lacan chamou de “Identificação à Letra” ou “Identificação ao Sinthome”.

<sup>7</sup> Seja do lugar do analista, seja do lugar de analisando.

exercício de castração, ou seja, de uma articulação de nossas diferenças a partir de uma escuta e não de uma *falação*. Sim, porque, paradoxalmente, se há algo que a experiência de falar numa análise nos ensina é aprender a calar e escutar: escutar o outro, escutar o sujeito; caso contrário, ele se transforma em nosso objeto.

Ao nos colocarmos na posição de escuta, exercitamos o *não-saber*, o que, paradoxalmente, convoca-nos a uma dimensão de invenção, de criatividade, de liberdade, das quais surgem elaborações novas, surgem *surpresas de saber* sobre o *não-saber*. Obviamente, esse *novo saber* não se presta para fazermos monografias, teses, dissertações ou qualquer produção de cunho acadêmico, mas requer uma interlocução contínua e consistente, dentro de uma lógica de castração. É isso que garante não se estar na dimensão do delírio

Em termos institucionais, essa lógica sustenta a articulação de diferenças, sinônimo de articulação da castração, incrementando laços entre analistas, dando suporte a posturas de abertura dentro da psicanálise e da comunidade psicanalítica, viabilizando uma interlocução, uma intersecção de produções, cujo resultado permite a costura de uma rede de transferências à psicanálise: uma costura de diferenças embaladas pela mesma rima – rima da psicanálise, rima que faz rede.

Em nossa experiência<sup>8</sup>, essa não é uma rede qualquer. Não é uma rede caótica e nem mesmo ingênua: testemunha sobre princípios fundamentais, entre eles a intersecção e a coerência entre o discurso e a experiência, quer dizer, depõe sobre a sintonia com aquilo que é apreendido e aprendido a partir do sofrimento humano e não, simplesmente, a partir de uma teoria; depõe sobre a sintonia com aquilo que é aprendido sobre uma subjetividade marcada pelo não-senso, pela impotência, enfim, por esse *outro saber* – sobre a castração. É esse *outro saber* que subjaz a essa rede, costurando-a, unindo pontos, pessoas, grupos e instituições a partir de seus envolvimentos, não com uma doutrina, não com uma ideologia, mas com as conseqüências de uma experiência tocada pelo inconsciente.

---

<sup>8</sup> Experiência vivida não só na nossa forma de enlace intra-institucional, mas na nossa participação em Movimentos interinstitucionais, como os de Convergencia, Reunião Lacanoamericana e Jornadas Freud-lacanianas.